

# PLANO DE AULA

---

## I. Identificação

---

**Autoras do Plano de Aula:** Maria Alice, Maria Paula, Cecília Moita (alunas de graduação, História/UnB) e Profa. Dra. Edlene Oliveira Silva;

**Data de elaboração do plano:** 2/2023;

**Série/Ano:** Ensino Médio;

**Carga horária prevista:** 02 horas/aula.

## II. Tema/assunto/título da aula

---

**Representações da Princesa Isabel, dos negros e da abolição da escravatura na pintura “A Libertação dos Escravos” de Pedro Américo, de 1889.**

## III. Objetivos

---

### a) Geral

Discutir as representações da Princesa Isabel, da abolição da escravatura e dos negros presentes na pintura “A Libertação dos Escravos”, de 1889, de Pedro Américo. Pretende-se também desenvolver no/na estudante um senso crítico de interpretação de fontes históricas.

### b) Específicos

1) Desnaturalizar as representações da Princesa Isabel como “a redentora”, responsável pelo fim da escravidão. 2) Reconhecer o protagonismo negro na abolição da escravatura. 3) Compreender o quadro “A Libertação dos Escravos” como um discurso de inspiração imperial, produzido com o intuito de glorificar o Estado através da imagem da Princesa Isabel como libertadora dos escravizados, entendendo sob um viés crítico que a pintura mostra uma visão romantizada do 13 de maio de 1888. 4) Discutir as representações pejorativas das pessoas negras na pintura.

## IV. Conteúdo

---

1) A pintura como fonte histórica. 2) A representação da Princesa Isabel como “a redentora dos negros”. 3) Ação e protagonismo dos negros no fim da escravidão. 4) Representações dos negros na pintura e seus significados na época e na atualidade.

## V. Pré-requisitos

---

Possuir algum conhecimento sobre a Princesa Isabel, o fim da escravatura no Brasil, as lutas negras e os movimentos abolicionistas.

## VI. Metodologia e recursos didáticos

### Aulas 01 e 02



Pedro Américo de Figueiredo e Mello. A Libertação dos Escravos (estudo). 1889. Óleo sobre tela. 140,5 x 200 cm. Palácio dos Bandeirantes, São Paulo.

A aula começará com uma projeção de slide da tela “A Libertação dos Escravos” de Pedro Américo, de 1889. O artista plástico nasceu na Paraíba em 1843 e foi um dos pintores brasileiros mais importantes de sua época. A tela foi encomendada por Dom Pedro II como um esforço de, durante um momento de crise do Império brasileiro, rememorar seus momentos de glória e engrandecer a monarquia. No Segundo Reinado, a Coroa passou a financiar a Academia Brasileira de Artes para que fizesse a iconografia oficial da história do Brasil, na perspectiva monárquica. Dentre os pintores que faziam parte desse projeto, contribuindo com diversas telas, estava Pedro Américo. Ele passou então a dedicar grande parte de sua carreira para atender às encomendas da Coroa por pinturas que retratassem os momentos grandiosos da monarquia. Nesse contexto de obras artísticas como propaganda monarquista foi pintada “A Libertação dos Escravos”.

“A Libertação dos Escravos” foi encomendada pela Coroa e começou a ser pintada em 1886, tendo sido finalizada em 1889; portanto, estava inserida no contexto de transição entre a monarquia e a República e trata do momento histórico da “abolição da escravatura” no Brasil, como o próprio título da obra alude. No ano em que a pintura foi iniciada, 1886, o Brasil testemunhou a

ascensão de movimentos abolicionistas em grande parte de sua extensão territorial e havia uma pressão internacional, sobretudo inglesa, para o fim da escravidão no Brasil.

No contexto de insurgência do movimento abolicionista, o quadro “A Libertação dos Escravos” foi encomendado pela Corte Imperial e produzido com o intuito de glorificar o Estado através da imagem da Princesa Isabel como libertadora dos escravizados, mostrando uma visão romantizada do 13 de maio de 1888 e apagando a participação dos negros nesse processo, o que contribuiu para a consolidação do mito do “branco salvador”.

Uma primeira questão importante na análise da obra é perceber a evocação de elementos greco-romanos, como a arquitetura que lembra um anfiteatro grego e os trajes de túnicas das personagens. O neoclassicismo era uma tendência artística da época, ensinada como norma em todas as academias de arte e marca registrada de Pedro Américo. O estilo procurava evocar o período antigo, pois considerava o mundo greco-romano clássico o ideal de sociedade, cujos valores deveriam ser imitados.

As figuras centrais parecem estar no meio de um teatro de arena grego, reforçando a visão de que tudo se passa em uma única cena, aumentando o impacto dramático ao limitar a visão do espectador por meio de um muro em formato de arco que possibilita apenas enxergar a cena principal e o céu.

No centro do quadro, no piso inferior, observam-se três pessoas negras: um homem e uma mulher ajoelhados e uma criança sentada. Diante deles está uma mulher de pele clara imponente, usando vestimentas greco-romanas, uma túnica branca, elmo, armadura dourada, espada na cintura e segurando com a mão esquerda uma corrente rompida. Ao lado das pessoas negras está uma figura de um diabo negro morto, caído no chão.

No centro da tela, no piso superior, uma mulher branca está sentada num trono e veste um manto verde, apoiando um cetro com a mão direita. Sua posição é a mais elevada das personagens retratadas na pintura. Mais acima à direita do quadro, anjos pairam sustentando uma cruz reluzente que ilumina toda a tela.

A mulher com traje guerreiro rompendo as correntes da escravidão representa a libertação dos negros. Apesar de ocupar um lugar de protagonismo no quadro, não é a autora da ação, mas uma testemunha e responsável simbólica pela ação de libertação dos escravizados, que se passa à sua frente. A verdadeira responsável pelo ato de libertação é a figura central que ocupa o lugar político mais alto de todos os personagens: a mulher sentada no trono, com um manto verde, uma *murça* amarela (indumentária imperial confeccionada com penas de tucano; o verde e o amarelo eram as cores do Império) e um cetro na mão, representando a figura da Princesa Isabel, responsável por assinar a Lei Áurea. Ao analisarmos a pintura, percebemos que ela serve à glorificação da Princesa Isabel como responsável pelo fim da escravidão. É ela que está no centro da ação.

Diante da representação da liberdade que quebra as correntes da escravidão está uma mulher negra ajoelhada quase nua com as costas sangrando por marcas de chicote. Há também uma criança negra totalmente nua e um homem negro ajoelhado suplicando por liberdade; ambos possuem manchas de sangue causadas pelo chicote. Na pintura, os negros não possuem face e se mostram submissos e gratos por serem libertados.

Ao lado dos negros jaz a figura morta de um diabo negro, que representa o algoz da escravidão, derrotado e morto. Representar a escravidão na forma do diabo seria uma maneira de demonstrar a posição da Coroa perante as opiniões em torno da escravidão na época. Com o movimento abolicionista, os movimentos de resistência negra e a pressão internacional para o fim da escravidão, a Coroa se vale do imaginário cristão de luz contra trevas, anjos contra demônios, para deixar clara sua visão do que percebe como o bem (a libertação dos escravos) e do que, a partir de então, passa a ser o mal (a escravidão). Vale pensar também como a questão das cores e do imaginário de “luz e trevas” reforça, tanto na pintura quanto no imaginário popular, a noção do branco como “bom” e do preto como “mau”.

No quadro, outro ponto de debate é a posição submissa e passiva dos negros no seu processo de libertação. A ideia da libertação dos escravos como dádiva imperial deve ser desconstruída porque, primeiramente, coloca a imagem da Coroa como protetora dos escravizados e altruísta em suas atitudes, quando suas ações não foram nada além de manobras políticas. Segundo, tira do movimento negro a ação e o protagonismo na luta abolicionista e na pressão política que obrigou a Coroa a decretar a abolição. Terceiro, ao representar pessoas negras sem rosto como submissas e pessoas brancas como salvadoras, o quadro reforça o mito do “salvador branco”, aquele que sempre aparecerá para tirar o negro de suas mazelas, já que ele não teria autonomia e precisaria ser tutelado.

Essa discussão é muito importante, pois até hoje no 13 de maio se comemora a assinatura da Lei Áurea e se silencia a luta dos negros nesse processo. Segundo historiadores, a Lei Áurea foi recebida no estrangeiro como uma vitória do governo imperial. No Brasil, se constituiu no ato mais popular do Império. A imagem pública de Isabel foi muito valorizada com a lei, sendo a princesa lembrada como “a redentora dos negros”. A própria maneira como a abolição foi apresentada oficialmente pelo Império - como um presente e não uma conquista - levou a uma percepção equivocada sobre o envolvimento decisivo dos próprios escravizados na luta. A estratégia política implicava divulgar que eles haviam sido “contemplados” pela lei, tendo recebido uma dádiva, e mais: precisavam mostrar apenas gratidão pelo “presente”, assim como ampliar e consolidar antigas redes de dependência.

Nesse sentido é importante ler criticamente a tela analisada em aula, pois é uma exaltação divina do ato imperial e veicula imagens depreciativas sobre os negros, representando o silenciamento da luta negra. É imprescindível, para fazer justiça à história da escravidão brasileira, que o mito da benevolência da

Princesa Isabel seja preterido, em favor de uma história que reconheça a ação e o protagonismo dos negros na época.

## VII. Avaliação

Realização de uma “roda de conversa” sobre as seguintes questões: o que pensam sobre esse quadro após o debate? Quais questões gostariam de colocar e que dúvidas tiveram? Como o financiamento desse tipo de arte pode ter afetado o modo como reconhecemos os heróis da pátria hoje em dia? Por que reconhecer a ação e o protagonismo dos negros na história é importante para combater o racismo na atualidade?

## VIII. Bibliografia:

DOSSIN, Francielly Rocha. História como fonte artística: explicando arquivos, criando imagens; criando arquivos, explicando imagens. **Faces da História**. Assis: São Paulo, v.3, n.2, jul-dez, 2016, p. 136-156.

FERNANDES, Maria Fernanda Lombardi. Os republicanos e a abolição. **Revista de Sociologia e Política**. Curitiba, n.27, nov, 2006, p. 181-195. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rsocp/a/tBCwFvN8Bk7Br4rfc6QgixJ/>. Acesso em: 21 jun. 2023.

PERREIRA, Eliane Aparecida et al. Imagens e história: uma proposta de leitura de telas de Pedro Américo para o ensino de história do Brasil. **Dissertação**. Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências da Educação, Programa de Pós-Graduação em Ensino de História, Florianópolis, 2022.

PINCERATI, Walker Douglas. Silêncio na pinacoteca: estudo para libertação dos escravos no campo dos discursos. **Linguagem & Ensino**, Pelotas, v.21, n.2, jul./dez. 2018, p. 159-167.

SCHWARCZ, Lilia Moritz; STARLING, Heloisa Murgel. **Brasil: uma biografia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.